Homenagem a Castro Faria

ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA

O ANUÁRIO ANTROPOLÓGICO não poderia deixar de homenagear o Professor Luiz de Castro Faria neste momento em que, aposentando-se no Museu Nacional, não obstante continua a prestar serviços à antropologia e à comunidade de seus oficiantes. Sua aposentadoria é, portanto, apenas formal, uma sorte de "liberação de ponto" para se permitir continuar a colaborar com a disciplina e com todos nós de seu canto niteroiense. Os depoimentos enfeixados nesta simples mas sincera homenagem que lhe fazemos, de autoria das Professoras Maria da Conceição Beltrão, Alcida Rita Ramos e Yonne de Freitas Leite, são bem uma amostra das diferentes dimensões da atuação de Castro Faria, quer como pesquisador e professor, quer como administrador e grande incentivador dos estudos arqueológicos, etnológicos e lingüísticos em nosso país. As colegas acima nominadas souberam registrar o teor das diferentes formas de contribuição colhidas por suas respectivas áreas de exercício profissional.

A mim cabe-me expressar no ensejo desta introdução o reconhecimento do ANUÁRIO ANTROPOLÓGICO por tê-lo em seu Conselho Editorial desde 1976, ano de criação do periódico, de onde sempre nos incentivou a perseguirmos o objetivo de difundir trabalhos de pesquisa e de reflexão no nosso meio profissional e estudantil, conforme a proposta que então fizemos quando da apresentação daquele primeiro volume. Além disso, Castro Faria nunca se furtou a contribuir para o ANUÁRIO com escritos de sua própria lavra: no volume correspondente ao ano 82, contribuiu com sua instrutiva conferência "A Antropologia no Brasil. Depoimento sem compromissos de um militante em recesso"; e por duas vezes, de-

monstrando espírito extremamente solidário, se pronunciaria *in memoriam* dos antropólogos Eduardo Galvão (1976) e Heloisa Alberto Torres (1977), traçando o perfil daqueles que foram seus colegas de trabalho e que desempenharam relevantes serviços à antropologia em nosso país. Estou seguro de que Castro Faria continuará sua colaboração à nossa revista.

Mas não posso encerrar esta introdução sem falar em meu nome pessoal, do amigo e do colega, com quem Castro Faria sempre manteve as relações mais amistosas desde nosso primeiro encontro em 1954, quando jovem recém-graduado em filosofia pela Universidade de São Paulo começava meu aprendizado em etnologia no Museu do Índio, como assistente do Curso de Aperfeiçoamento em Antropologia Cultural que Darcy Ribeiro havia instituído naquele Museu e no qual Castro Faria cooperava como um de seus professores. Quatro anos depois, por ele era convidado a trabalhar no Museu Nacional, instituição que se tornaria para mim em minha segunda *alma mater*, graças á sua tradição de pesquisa e ao inexcedível apoio que eu receberia de Castro Faria em todas as atividades que lá realizei. Nossa convivência no Museu Nacional durou quatorze anos, durante os quais o vi ascender ao posto de Diretor do Museu, realizar uma profícua administração e deixar o cargo com o alívio de quem melhor se sentia nas lides docentes do que nas administrativas. Nesse sentido, seja dito e proclamado que Castro Faria foi sempre um exemplo de desapego a cargos, jamais confundindo sua carreira de *scholar* com a fugacidade dos postos de direção. Todos que foram testemunhas desse traço de seu caráter dele guardam até hoje uma imagem de dignidade e de correção profissional por todos os motivos exemplar.

Não cabe neste espaço traçar a biografia daquele que ora homenageamos. Fragmentos de sua vida profissional estão registrados nos depoimentos que se seguem. Resta-me dizer, como seu velho amigo, que não apenas foi um privilégio trabalhar ao seu lado durante quase um lustro, mas que continua sendo uma honra tê-lo como companheiro e colega de profissão e de cuja amizade e colaboração continuaremos — nós e o ANUÁRIO ANTROPOLÓGICO — a não prescindir.